

VI CONGRESSO INTERNO DO INSTITUTO PSICOLOGIA DA USP

VIOLÊNCIA E MEMÓRIA

As execuções sumárias e os desaparecimentos forçados de maio de 2006 em São Paulo.

Maikel Messias Garcia Silva

Contato com o autor: maikel.silva@usp.br

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Endo

Nível do trabalho: Iniciação Científica.

Introdução

Os chamados crimes de maio ocorreram entre 12 a 20 de maio de 2006 na grande São Paulo e na região da baixada santista. Nestes oito dias a cidade de São Paulo ficou paralisada pelo medo e por práticas de exceção. O saldo oficial totaliza 493 vítimas civis, discriminadas nas categorias de resistência seguida de morte e homicídios sem autoria, além de 4 desaparecimentos forçados. Após essa onda de violência, um grupo de mães de vítimas uniu-se, dando origem ao Movimento Mães de Maio, com objetivo de lutar por espaços de reconhecimento, justiça e fim da violência. As mães exigem o desarquivamento dos casos e a punição dos responsáveis pelos assassinatos.

Pela via da criminalização da pobreza, o discurso que impera procura naturalizar a questão social como fatalidade ou herança arcaica, como se tantos homicídios fossem inevitáveis ou até mesmo previsíveis de acordo com um tipo de avatar selvagem e fatricida, próprio às populações pobres: uma das explicações oficiais para os crimes de maio foi a de que traficantes e criminosos mataram-se uns aos outros.

Objetivo

Fazer memória dos crimes de maio de 2006, descrevendo os sentidos construídos pelos familiares das vítimas no que se refere à vivência de lutos, traumas, e demandas e lutas por justiça e por espaços públicos de reconhecimento dos crimes praticados contra seus familiares.

Método

Pesquisa bibliográfica sobre os crimes de maio de 2006, inclusive com aporte de material jornalístico. Entrevistas com familiares das vítimas de maio, integrantes do Movimento Mães de Maio. Análise dos dados a partir de referencial psicanalítico.

Resultados Parciais

Os resultados ainda carecem de mais dados oriundos das entrevistas com os familiares das vítimas, vítimas também eles. Contudo, já é possível assinalar que a saída do luto particular para uma luta pública de reconhecimento e responsabilização dos crimes de maio de 2006, como é o caso do movimento Mães de Maio, aponta para um caminho possível de se construir espaços e grupos de memória social que impeçam as violências de quedar no esquecimento e na impunidade.

O rápido arquivamento dos processos pode ser entendido como um ato de negação, de saída de vista, e um convite à repetição dos atos de violência dos agentes do Estado e também dos criminosos ligados ao Primeiro Comando da Capital.

Considerações Parciais

O testemunho exige um espaço político, uma saída do privado para o público, que pode se concretizar por meio de políticas públicas que possibilitem às vítimas/sobreviventes do trauma falar e serem ouvidas. Trauma e testemunho articulam-se, então, numa dinâmica marcadamente ética, que aponta para a construção de uma história coletiva das vítimas via elaboração de uma memória social das violências do estado brasileiro.

Uma sombra de impunidade e esquecimento recaiu sobre os acontecimentos de maio de 2006, o que nos leva a questionar se a sociedade brasileira não aceitaria massacres ainda maiores de suas populações pobres. Infelizmente, casos como a desocupação da comunidade Pinheirinhos parecem indicar que ainda seguimos um caminho de barbárie.

Palavras-chave: Violência de Estado. Mães de Maio. Psicanálise.

Agência Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).